A INFÂNCIA EM *PIPPI MEIALONGA*

Ana Carolina Fernandes da Silva¹
Prof. Dr. Flávia Brocchetto Ramos² - Coautora
Prof. Dr. Neiva Senaide Petry Panozzo³ - Coautora

O projeto de pesquisa Educação, linguagem e práticas leitoras, integrado ao PPGEd/UCS, na linha de pesquisa Educação, Epistemologia e Linguagem, estuda a leitura de diferentes produtos culturais contemporâneos destinados à infância. Trata-se de um desdobramento de questões evidenciadas pela natureza dos objetos de leitura contemporâneos, em virtude dos processos de hibridização de linguagem na produção cultural, identificado em pesquisas anteriores. Entre as ações dessa pesquisa está o estudo do acervo do PNBE/2008, no que se refere à recepção desses textos nas escolas públicas do município de Caxias do Sul e ao estudo de algumas dessas obras do acervo.

Dentre as obras pertencentes ao acervo do PNBE/2008 está *Pippi Meialonga*, escrita pela sueca Astrid Lindgren e publicado pela primeira vez em 1946. O título já foi traduzido para mais de 70 idiomas e contém uma série de narrativas em que Pippi é protagonista. A obra divide-se em 11 capítulos, cada um contendo um episódio completo e autônomo. As histórias são contadas por um narrador em terceira pessoa que não participa do universo narrado, porém conhece cada uma das personagens e sua história.

Pippilotta Comilança Veneziana Bala-de-goma Filhefrain Meialonga, ou apenas Píppi, é uma menina órfã de nove anos. Seu pai, Efraim Meialonga, era um marinheiro que desapareceu no mar e sua mãe morreu, quando ainda era muito pequena. Após a morte do pai, Pippi volta à terra e vai morar sozinha em uma casa na Vila Vilekula, acompanhada apenas de um saco de moedas de ouro, de seu macaquinho, o Sr. Nilson, e um cavalo, que vive na sua varanda. Por morar sozinha, Pippi não segue regras de nenhum adulto; faz o que quer, na hora que deseja. O narrador apresenta a menina da seguinte forma:

Pippi tinha nove anos e morava completamente sozinha. A menina não tinha pai nem mãe, e no fim das contas até que isso era bom, porque ninguém vinha dizer a ela que estava na hora de ir para a cama no exato instante em que ela estava se

¹ Universidade de Caxias do Sul (UCS)

² Secretaria Municipal de Educação (SMED)/ Universidade de Caxias do Sul (UCS)

³ Universidade de Caxias do Sul (UCS)

divertindo mais, e ninguém a mandava tomar óleo de fígado de bacalhau quando ela estava com vontade de chupar uma bala. (2001:7)

A narrativa explora a caracterização física da protagonista, no início da narrativa, descrevendo-a da seguinte maneira:

(...) tinha cabelo cor de cenoura e usava duas tranças bem apertadas, que ficavam espichadas para os lados. Seu nariz parecia uma batatinha bem pequena, e era todo pintado de sardas. Debaixo do seu nariz havia uma boca realmente bem larga, com dentes brancos e fortes. A roupa que ela estava usando era muito engraçada. A própria Pippi é que tinha feito. (p. 12-13)

Essa caracterização inicial começa a configurar a personagem, não apenas fisicamente, mas também sua personalidade. Pippi fazia tudo sozinha, inclusive as suas roupas. A escolha da cor do cabelo, por exemplo, não é aleatória, o vermelho e o laranja representam o fogo, e diversas vezes isso é explicitado ou inferido na narrativa, como quando um menino, para rir de Pippi, encosta em seus cabelos e diz que se queimou. O vermelho é universalmente considerado também como símbolo da vida com sua força, seu poder e seu brilho. É como um sol que brilha sobre todas as coisas, com uma força imensa e irredutível. A força de Pippi é imensa e ela sempre a usa sabiamente. O seu brilho é intenso, impossível de não ser visto. Por onde ela passa, deixa sua marca e uma lembrança, inclusive nos leitores.

A personagem é muito criativa, constrói a sua realidade com seus pensamentos, levantando hipóteses. Um exemplo disso é o episódio da morte do pai. Em uma de suas navegações, Efraim caiu no mar e desapareceu. Porém, Pippi não acreditava que o pai tivesse se afogado, “achava que tinha ido boiando mar afora até chegar a uma ilha cheia de canibais, e que depois tinha virado rei de todos os canibais e que andava o dia inteiro com uma coroa de ouro na cabeça.”. (2001: 8)

A personagem é descrita fisicamente como uma criança muito forte, tão forte que “conseguia carregar um cavalo se quisesse” (2001: 9). O significado dessa força vai além, pois a menina é dotada de uma fortaleza interior. Trata-se de uma criança que apesar de órfã e de morar sozinha, não perdeu a inocência peculiar da infância e a alegria de viver.

Ao lado de sua casa moram duas outras crianças, Tom e Aninha, seus companheiros de aventuras. Com muita criatividade, autonomia e a ingenuidade das crianças, Pippi leva uma vida animada e feliz, enfrentando desafios que lhe são impostos: “-

Ah, que maravilha, que delícia viver! – disse Pippi, e espichou as pernas o máximo que conseguiu.” (p. 36)

A representação tradicional da família, como instituição, aparece na forma dos vizinhos de Pippi. Na casa ao lado, morava “um pai, uma mãe e seus dois adoráveis filhinhos: um menino e uma menina. O menino se chamava Tom e a menina Aninha” (2001: 11). Esses filhos podem ser considerados uma representação de crianças ideais para os adultos: simpáticas, obedientes e comportadas. São crianças que nunca se sujam, nem se desarrumam e sempre agem exatamente como a mãe deseja. Até a chegada de Pippi.

A menina atua quase como uma professora para os dois irmãos. Depois da sua chegada, eles passaram a se divertir mais e a fazer coisas que nunca haviam realizado, permitindo-se ser crianças. Logo no início da narrativa, os irmãos são caracterizados:

Tom nunca roía as unhas, seu cabelo estava sempre penteado e ele quase sempre fazia exatamente o que a mãe lhe dizia para fazer. Aninha não arrotava quando não faziam as suas vontades e estava sempre bem-arrumada em lindos vestidinhos de algodão muito bem passados. Ela nunca fazia coisas que pudessem sujar seus vestidos. (2001: 11)

Ao longo da narrativa, eles vão mudando algumas atitudes, como num episódio no jardim da casa de Pippi.

As árvores do jardim de Tom e Aninha não eram boas de escalar, e a mãe deles estava sempre achando que eles podiam cair e se machucar. Por isso eles não eram muito sabidos em matéria de escalar árvores. Mas naquele instante Pippi perguntou:

- *Vocês topam escalar aquele carvalho?*

Tom pulou do portão na mesma hora, encantado com a proposta. Aninha ficou um pouco mais hesitante, mas quando viu que o tronco tinha protuberâncias que facilitavam a escalada, também começou a achar que seria divertido tentar. (2001: 65)

Nesse mesmo episódio, depois de escalarem a árvore, Pippi sugere preparar um lanche. Ela desce, pega uns bolinhos que havia preparado no dia anterior e café, e volta para o topo da árvore. “Tom e Aninha acharam que nunca tinham tomado café mais gostoso na vida. Eles não tinham permissão para tomar café todos os dias, só nos dias de festa.” (2001, p. 66). Durante o café, Aninha derramou um pouco no vestido, “primeiro ficou quente e molhado, depois frio e molhado, mas não fazia mal, disse Aninha.”

Pippi Meialonga, apesar da pouca idade, muitas vezes imita as atitudes e a rotina dos adultos: cozinha, faz faxina e cuida dos seus bichinhos. A relação da menina com os animais de estimação é curiosa, pois age como se fosse a mãe deles. Com o macaquinho, o Sr. Nilson, ela o veste, o coloca para dormir e até leva seu café da manhã na cama. Já com o cavalo, ela também o alimenta, escova seus pelos, lê histórias de aventura. No dia do aniversário do animal, arrumou lindamente a sua crina, afinal ela achava que naquele dia era mesmo o aniversário dele, e “por isso tem que ficar bem bonito”.

Essa relação simula a vivência familiar. Essas atitudes “adultas” podem ser percebidas através das suas falas, como numa situação em que Pippi inventa uma história para uma menina que passava na frente de sua casa. Ao questioná-la se achava que estava inventando a história, a ouvinte, assustada afirma que não, mas Pippi argumenta:

- Não? – disse Pippi – Mas é exatamente isso que estou fazendo. Estou mentindo, e minha língua está ficando preta! Você acha mesmo que uma criança pode viver sem comer nada de maio até outubro? [...] Você deve ter percebido perfeitamente que é mentira. Você não deve permitir que as pessoas lhe digam não importa o quê. (2001: 64)

Quando Pippi conhece Tom e Aninha, convida-os para entrar em casa, prepara um belo café da manhã e depois mostra sua coleção de “tesouros”. A protagonista deu uma lembrança para cada um dos novos amigos e depois sugere:

- Acho que agora é melhor você ir para casa – disse Pippi. – Assim vocês podem voltar amanhã. Porque se vocês não forem para casa, não vão poder voltar amanhã. E isso seria muito triste. (2001: 20)

A infância tem diversas representações na obra. Há a criança idealizada, vivida por Tom e Aninha, sonho da maioria dos pais. Ainda nessas duas personagens, existem representações peculiares, referendando os estereótipos: Aninha é a menina medrosa e Tom, corajoso. Existe também o brigão, Bengt, que é muito cruel e, junto com um grupo de amigos, bate nas outras crianças. Há ainda o fraco, Guilherme, alvo constante dos meninos fortes.

Acima da divisão entre fortes e fracos, entre feminino e masculino, está Pippi: criativa, gentil, determinada e brincalhona, que tem a função de cuidar de si, sem a ajuda de

nenhum adulto. O vínculo de Pippi com os adultos começa a aparecer quando eles descobrem que há uma criança morando sozinha na cidade.

Todas as tias e todos os tios do lugar estavam convencidos de que aquilo não ia dar certo de jeito nenhum. Todas as crianças precisam de adultos para tomar conta delas, e todas as crianças precisam ir à escola para aprender a tabuada. (p. 36)

Na narrativa, quem dá voz a essa sociedade (os adultos: tios e tias) são os policiais que aparecem na casa de Pippi para levá-la a um lar de crianças. O pensamento e as crenças dessa sociedade orientam que a criança deve ser cuidada por adultos, pois depende deles. Segundo Áries, a noção de infância está “ligada à ideia de dependência: as palavras ‘fils’, ‘valets’ e ‘garçons’ eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência, ou, ao menos, dos degraus mais baixos de dependência.” (1981: 11)

Para os policiais da narrativa, um lar de verdade é aquele em que as crianças dependem de um adulto para cuidá-las. Eles sentenciam: “Você vai ter que ir morar num lar de verdade, com alguém para tomar conta de você.” (2001, p. 38). Ainda conforme Áries, “o colégio tornou-se então um instrumento para a educação da infância e da juventude em geral.” (1981: 111). Portanto, os policiais, representando a autoridade na sociedade moderna, acreditam que Pippi deve ir à escola, que só se aprende através da escolarização, conforme está posto no diálogo entre o policial e a menina:

Policial: - *É, mas você entende que tem de ir à escola?*

Pippi: - *E por que tenho de ir à escola?*

Policial: - *Para aprender as coisas, é óbvio!*

Pippi: - *Que tipo de coisas?*

Policial: - *Todos os tipos de coisas, um montão de coisas úteis. A tabuada, por exemplo.*

Pippi: - *Faz nove anos que vivo muito bem sem tamburada. E não vejo nenhuma razão para não continuar assim.* (2001, p. 38)

A concepção expressa pelos policiais estabelece sintonia com as idéias contemporâneas sobre infância. Segundo Stearns (2006), o conceito moderno engloba três aspectos: a baixa mortalidade infantil, os contextos familiares pequenos e, principalmente, a ideia de que a criança não deve trabalhar e frequentar a escola.

O livro foi escrito para os pequenos e percebe-se que há uma adequação da linguagem aos seus destinatários, pelos diversos recursos de oralidade e onomatopéias que são utilizados: “iiiiiguana”, “nheque”, “uiiiii”, “hahaha”. Além disso, há palavras características do vocabulário infantil, com diminutivos, pronúncias equivocadas como tamburada (tabuada), firco (circo) e termos como: tio e tia (representando os adultos).

O modo como a criança vai sendo configurada no texto aponta o cunho emancipatório. O temperamento e os interesses dos pequenos são amplamente explorados, pois a narrativa se constrói a partir desses elementos. Os interesses são próprios da idade, e por morar sozinha, não existe empecilho para que Pippi os realize. Os seus desejos nunca são problemas, quando eles aparecem, são logo realizados pela menina.

No universo ficcional criado por Astrid Lindgren, as crianças ocupam o papel central. Elas são responsáveis pelo encadeamento das ações, sendo que os conflitos são apresentados e resolvidos pelas mesmas, até solucionam problemas do “mundo dos adultos”, como no episódio em que Pippi salva duas crianças presas em um incêndio. Ninguém consegue chegar ao topo do prédio, onde estão as pequenas vítimas, nem mesmo os bombeiros. Mas Pippi, com a ajuda do Sr. Nilson e de uma corda, escala uma árvore e realiza o salvamento.

A postura de Pippi, seja na relação com as crianças seja na relação com os adultos, sinaliza uma infância ativa, forte, criativa e pensante. Trata-se de uma menina que tem voz na narrativa e, conseqüentemente, na sociedade em que vive, tem poder de decisão, tornando-se dona absoluta de sua vida.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CHEVALLIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LINDGREN, Astrid. *Pippi Meialonga*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

STEARNS, Peter. *A infância*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006.